



**VAMOS DANÇAR?**  
DANÇAS DE SALÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO

**SHALL WE DANCE?**  
BALLROOM DANCES, PHYSICAL EDUCATION AND  
EDUCATION

**¿VAMOS A BAILAR?**  
EL BAILE, LA EDUCACIÓN FÍSICA Y LA EDUCACIÓN

Neil Franco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1276-8901>

Beatriz Gomes Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9870-0192>

Annelise Gomes de Paiva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3071-6758>

Anderson José de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9548-3241>

**Resumo:** Este estudo contextualiza sobre os significados atribuídos às Danças de Salão (DS) como tema investigativo em periódicos brasileiros específicos para a Educação Física (EF), entre 1979 e 2019, com destaque especial para o campo educacional. É uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa que se estrutura na correlação de fontes bibliográficas e documentais, ancorada teoricamente no campo da Dança, DS e EF. Nos 14 periódicos investigados encontramos 22 artigos que foram organizados em 05 categorias: revisão de literatura, esporte, lazer, saúde e educação. A categoria mais evidenciada foi “educação” com 08 artigos, o que não representa que o contexto escolar tenha sido a ênfase nas publicações. A dança se apresenta de forma tímida no universo da EF, indicando que essa discussão representa uma longa trajetória que ainda encontra-se nos seus primeiros passos.

**Palavras chave:** Danças de Salão. Educação Física. Revisão de Literatura. Educação.

**Abstract:** This study contextualizes the meanings attributed to ballroom dances as an investigative theme in Brazilian periodicals specific to Physical Education, between 1979 and 2019, with special emphasis on the educational field. This research presents a quantitative and qualitative approach that is structured in the correlation of bibliographic and documentary sources, theoretically anchored in the field of Dance, Ballroom Dances, and Physical Education. In the 14 investigated journals, we found 22 articles that were organized into 05 categories.

Vamos dançar? Danças de salão, educação física e educação...

ries: literature review, sports, leisure, health, and education. The most evident category was “education” with 08 articles, which does not represent that the school context was the emphasis on the publications. Dance presents itself timidly in the universe of Physical Education, indicating that this discussion represents a long trajectory that is still in its first steps.

**Keywords:** Ballroom Dances. Physical Education. State of the Art. Education.

**Resumen:** Este estudio contextualiza los significados atribuidos al baile como tema de investigación en periódicos brasileños específicos de la Educación Física, entre 1979 y 2019, con especial énfasis en el campo educativo. Es una investigación con un enfoque cuanti-cualitativo que está estructurada en la correlación de fuentes bibliográficas y documentales, teóricamente anclada en el campo de la danza, el baile y la educación física. En los 14 periódicos investigados encontramos 22 artículos que se organizaron en 05 categorías: revisión de literatura, deportes, ocio, salud y educación. La categoría más evidente fue “educación” con 08 artículos, lo que no representa que el contexto escolar fuera el énfasis en las publicaciones. La danza se presenta tímidamente en el universo de la Educación Física, lo que indica que esta discusión representa una larga trayectoria que aún está en sus primeros pasos.

**Palabras clave;** Baile. Educación Física. Estado del arte. Educación.

## O CONVITE PARA O BAILE

A dimensão plural e diversificada conquistada pela dança e sua possibilidade de alcance como forma de manifestação nas dimensões físicas, psíquicas e cognitivas do ser humano estatelam um amplo espectro social e cultural (MARQUES, 2003). No entanto, esse conceito amplo de dança, como qualquer outro fenômeno histórico, não isentou a delimitação de expressões mais ou menos valorizadas social e culturalmente no campo da arte.

Se no campo das artes a história revela a dança ocupando um lugar secundário comparado às artes plásticas, musicais e teatrais (FARO, 2004; MARQUES, 2003), observamos na história da dança a prevalência das danças teatrais (o balé e as danças moderna e contemporânea) como aquelas que delimitam o “significado” da dança como fenômeno artístico universal (FAHLBUSCH, 1990; CAMARGO, 1994, MARQUES, 2003; TADRA, 2009). Para aquelas manifestações advindas da cultura popular ou urbana (danças folclóricas, urbanas, de salão, etc.) um lugar secundário tem sido atribuído ao longo da história e, em vários momentos, interpretado como distantes do conceito universal de arte e cultura.

Na tentativa de desconstrução do conceito edificado no imaginário social ao longo dos tempos de que falar sobre dança se remete imediatamente ao balé, Arold Raskell (apud FARO, 2010, p. 29) esclarece que o balé é uma arte moderna, mas a dança é pré-histórica. Com isso, a história do balé consiste em apenas um momento de toda a história da dança. As Danças de Salão (DS)<sup>1</sup> devem ser interpretadas dentro desse mesmo contexto, por-

---

1 A Dança de Salão é geralmente escrita e pronunciada no singular em diversos meios de comunicação. Nossa opção é descrevê-la no plural, “Danças de Salão”, considerando que desde sua gênese essa vertente

tanto, para discutir seus processos históricos, pedagógicos e artísticos faz-se necessário situá-las dentro do contexto histórico geral em que a dança se constituiu na humanidade.

Neste processo, a dança vem assumindo reconhecimento social, cultural e científico, sendo a Educação Física (EF) uma das áreas de conhecimento que primeiro a interpretou como um dos temas da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Assim, ancorado na produção científica de periódicos brasileiros específicos para a área da EF, este estudo objetivou descrever, compreender e contextualizar os significados atribuídos às DS como tema investigativo no período de 1979 a 2019, destacando sua interface com a educação. Para tal, fundamentamos numa “metodologia de caráter inventariante e descritiva”, sustentada numa abordagem quanti-qualitativa, propondo a construção de um “estado da arte” a partir da correlação de fontes bibliográficas e documentais (FERREIRA, 2002; GÜNTER, 2006).

Encontramos disponibilizados alguns estudos que propõem um estado da arte sobre a dança no sentido mais amplo. Ana Pacheco (1999) realizou uma análise bibliográfica sobre a produção acadêmica brasileira sobre dança relacionada à EF. Investigou 10 periódicos brasileiros tendo como recorte temporal o período entre 1986 e 1996. Não é apresentado o detalhamento dos dados levantados, contudo, a autora apresenta 23 artigos – sendo um com foco nas DS -, que são descritos e analisados com destaque para uma perspectiva educacional. Tal estudo se aproxima do que, na descrição de tipos pesquisas bibliográficas, Edna Rother (2007) define como “revisão narrativa” por se sustentar numa questão ampliada, não especificando as fontes e estratégias de busca de dados, estando baseada principalmente em abordagens qualitativas de investigação.

Por outro lado, Rother (2007) caracteriza a “revisão sistemática” como aquela que apresenta uma questão específica, fontes e estratégias de busca de dados explícita, estabelecendo, muitas vezes, a relação entre abordagens quantitativas e qualitativas. Nessa vertente, destacamos Aladia Medina e Cláudio Mendes (2007) que, em análise dos anais do Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte (CONBRACE), publicados entre 1979 e 2005, concluíram que dos 3060 estudos publicados em 26 anos apenas 95 dos trabalhos completos abordam a temática dança. No entanto, na descrição e discussão são apresentados somente 27 dessas produções e nenhuma contextualiza as DS.

Em consonância com Medina e Mendes (2007), Bruna Santiago e Neil Franco (2015) investigaram como a dança foi contextualizada na Revista Brasileira de Ciências de Esporte (RBCE) entre 1979 e 2014, levantando todas as publicações (artigos e resumos) disponibilizadas nas edições da RBCE na sua página virtual. O estudo evidenciou 53 publicações. Dentre elas, dois resumos discutem as DS.

Integrando nosso levantamento, Cristiane Fonseca, Rodrigo Vecchi e Eliane Gama (2012) apresentam uma revisão narrativa sobre as DS ao elencarem como a percepção

---

da dança representa diversas manifestações corporais que, expressadas em pares, demarcam aspectos históricos, sociais e culturais inerentes a cada sociedade.

corporal é influenciada por essa vertente da dança. Cronologicamente situa-se entre 1995 e 2010. Propondo uma revisão sistemática e de abordagem quantitativa, Maristela Zamoner (2010) investigou as DS em periódicos nacionais e internacionais, alcançando um recorte temporal entre 2000 e 2010. Ambos os estudos apresentam publicações de outras fontes, assim como descrevem investigações que foram também por nós encontradas.

Como o objetivo da construção de uma revisão de literatura (narrativa ou sistemática) é de ampliar o conhecimento sobre a produção de determinado tema, faremos a discussão dessas revisões comparando-as aos dados por nos levantados nos 13 periódicos da EF investigados. Optamos por uma revisão sistemática que demarca claramente as fontes e recorte temporal que amplia o apresentado pelos referidos estudos.

Tais trabalhos ressaltam a relevância de se lançar um olhar sistematizado sobre as DS como proposta de investigação nas mais variadas vertentes, nos instigando a uma questão inicial: quais os significados atribuídos às DS como tema investigativo por periódicos específicos da área de EF? Como já argumentado, nossa desconfiança é de que as DS, não diferente das contextualizações históricas, sociais e culturais que as situam no campo geral da dança, também ocupem um lugar subalterno na EF.

Tal panorama nos motiva a divulgar as DS como uma das possibilidades de expressão da cultura corporal, assim como ressaltá-la como vertente investigativa aberta a diversos olhares e interpretações. Dentre esses olhares, interessa-nos o campo educacional, ancorados na viabilidade das DS como conteúdo a ser trabalhado sistematicamente na escola, como já descrito por Volp (1995).

“Como manda o figurino”, após aceitarmos o convite para o baile, escolhemos os sapatos para dançar os três bailados. Ao final do baile, perguntamos: quando será o próximo?

## **ESCOLHENDO OS SAPATOS PARA DANÇAR**

Metodologicamente, três etapas foram definidas para o estudo, sendo a primeira de coletas de dados, a segunda de categorização e descrição e, por fim, análises e discussões.

Na etapa de coleta de dados, identificamos periódicos brasileiros para a área de EF, com ênfase na dimensão escolar e não escolar, com destaque para os temas da cultura corporal (esportes, jogos e brincadeiras, lutas, ginásticas e danças), que disponibilizem suas edições em formato eletrônico. O fácil acesso e visibilidade desses periódicos justificaram sua escolha como principal corpus da pesquisa.

Organizados em ordem cronológica de criação, os 14 periódicos investigados foram: RBCE (1979), Revista Brasileira de EF e Esporte (RBEFE) (1986), Revista Brasileira de Ciência e Movimento (RBCM) (1987), Motrivivência (1988), Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (REF/UEM) (1989), Movimento (1994), Motriz (1995), Corpoconsciência (1997), Pensar a Prática (1998), Conexões: EF, Esporte e Saúde (1998), Caderno de EF e Esporte (CEFE) (1999), Revista Mackenzie de EF e Esporte (2002), Re-

vista Arquivos em Movimento (2005), Caderno de Formação RBCE (2009). Dessa forma, o recorte temporal da pesquisa é delimitado entre 1979, em razão da criação RBCE, e 2019 quando concluímos as buscas.

No segundo momento da pesquisa foram categorizados todos os estudos que tinham a dança como foco, o que nos permitiu entender o panorama geral da dança como objeto de pesquisa nos periódicos da EF. Em seguida, realizamos a leitura cuidadosa e fichamento do material referente às DS com o intuito de produzir um inventário sobre essas produções.

Para a terceira etapa: descrição, análise e contextualização dos dados, nos detemos em alguns critérios com o intuito de entender: o período em que essa temática passou a integrar o panorama dos periódicos e possíveis demarcadores que possam justificar tal inserção; os contextos (escolar e/ou não escolar) em que as DS são evidenciadas como tema na EF; os tipos de abordagens investigativas (empíricas e/ou bibliográficas) que sustentam esses estudos; a projeção sobre o tema em contexto nacional e quais instituições e regiões tem se interessado pelo assunto; quais referenciais teóricos tem sido foco desses estudos; em quais dimensões (lazer, esporte ou saúde) as DS tem assumido espaço como objeto de estudo na EF e, por fim, como essa vertente da dança tem sido contextualizada na perspectiva educacional.

## **O PRIMEIRO BAILADO: AS DANÇAS DE SALÃO NO UNIVERSO DA DANÇA**

Situando as DS no conceito de dança mais amplo, há coincidência na afirmativa de que ela seria uma arte que se desenvolve no tempo e no espaço, expressando sensibilidade através do movimento corporal, de modo harmonioso ou não, conforme a interpretação e a estética de expressão pretendida, tendo como elementos básicos o movimento e o ritmo (FAHLBUSCH, 1990; CAMARGO, 1994, MARQUES, 2003, 2007; TADRA, 2009).

Antônio Faro (2004) divide a dança em 03 formas na trajetória histórica: étnica, folclórica e teatral. As DS - descendente das danças populares - seriam o principal elo entre danças folclóricas e teatral, deixada propositalmente de fora da história da humanidade em razão de seu caráter popular e folclórico. Caracterizam-se como DS todas as danças que fizeram parte da nobreza europeia a partir da Idade Média e seu aparecimento ocorreu quando a igreja católica diminuiu a proibição do que era tido como pecado ou pagão (RIED, 2003).

Neste contexto, a valsa vienense é a mais antiga das DS tradicionais; dançada desde a Idade Média quando os pares davam voltas pelo salão realizando giros em torno de si mesmo em postura fechada, na finalização e uma rodada de dança. Dançada aos pares em contato íntimo, a valsa encantava a sociedade medieval como também sofreu proibições por infringir os bons costumes e a decência. Por ser originária das danças campestres e folclóricas, no século XVI a aristocracia francesa abandonou a prática da valsa por sua estreita relação com a cultura plebeia, retomando sua prática depois. Esse fato possível-

mente justifica a afirmativa de Faro (2004) de que as DS seriam o principal elo entre danças folclóricas e a dança teatral, contudo, deixada propositalmente de fora da história. Outro aspecto seria porque nesse período de transição de classes sociais a burguesia estava em ascensão e a valsa passou a ser praticada nos salões burgueses demarcando dois aspectos: afrontava os bons costumes impostos pela aristocracia ao mesmo tempo em que mantinha o bom gosto, comportamento refinado e o ambiente elegante, diferenciando-a da classe popular (RIED, 2003).

Isso demarca o aparecimento das danças sociais como forma de pertencimento a determinada classe ou segmento da sociedade: a aristocracia praticava as danças da corte e o povo as danças folclóricas. O processo evolutivo das danças sociais instituiu também as diferenças de atuações para os gêneros: o homem reverencia, corteja e protege a dama, enquanto ela se vincula à passividade, à receptividade e uma sutil sedução.

As danças sociais representavam todas as formas de “dançar em companhia”, atividade que conduzia à interação social, estando incluídas as danças da corte, folclóricas e de roda. Denominada como subcategoria das danças sociais, as DS eram atividades interativas dançantes realizadas nos salões de baile nobres e requintados (RIED, 2003).

Talvez o caráter popular e folclórico das DS tenha sido o motivo pelo qual essa forma de expressão não tenha assumido um local representativo como objeto de investigação, em especial, nos 13 periódicos aqui em foco. No contexto mais amplo, encontramos 292 artigos que destacam a dança no período de 1979 a 2019, entretanto, como demonstrado no quadro 01 abaixo, a DS é tema somente em 22 publicações distribuídas em 08 das revistas.

Quadro 01: Relação DS, contexto e tipo de pesquisa

Periódico/Contexto	Não escolar		Escolar		Total
	Empírica	Bibliográfica	Empírica	Bibliográfica	
Tipo de Pesquisa					-
Motriz	01	03	02	01	07
Conexões	01	-	03	-	04
RBCM	04	-	-	-	04
Revista EF/UEM	02	-	-	-	02
Movimento	01	-	-	-	01
RBEFE	-	01	01	-	02
Pensar a Prática	-	-	01	-	01
Arquivos em Movimento	01	-	-	-	01
Total	10	04	07	01	22

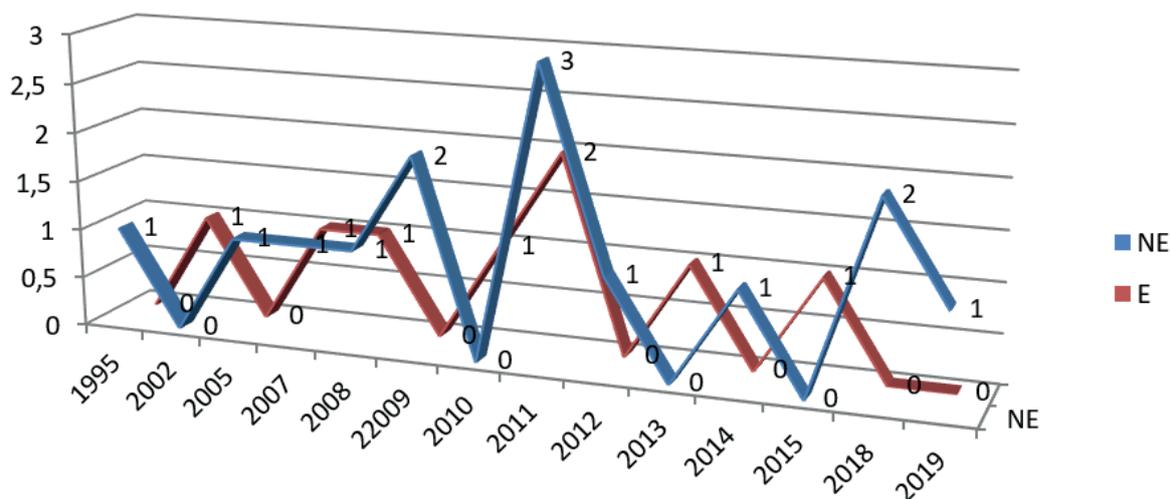
Os dados do quadro 01 ressaltam a predominância de estudos sobre as DS no contexto não escolar (14), aspecto que, contrariamente, ao olhar de pesquisas como a de Pacheco (1999) e Santiago e Franco (2015), que encontraram a dança no sentido mais amplo com maior incidência investigativa no contexto escolar. Pesquisas de cunho empírico é outro foco destacado em ambos os contextos, não escolar (10 estudos) e escolar (07),

com destaque para o uso de instrumentos como o questionário (06), seguido de observação (06), teste (05), entrevista (03), filmagem de aulas (02) e sociograma (01). Em alguns estudos mais de um instrumento foi utilizado.

Essa variedade de instrumentos que em sua maioria prevêm a busca de compreensão da vida social pelo relato e experiências do/a outro/a nos remete à predominância de uma abordagem qualitativa nos (16 deles)<sup>2</sup> (MATTOS; ROSETTO JUNIOR; BECHER, 2008), que envolveu pessoas de ambos os gêneros – com maior incidência do feminino –, com destaque para a população jovem (10 das pesquisas), adulta (08), idosa (05) e infantil (01). Alguns estudos envolveram mais de um segmento etário, destacando, em especial, a relação entre a população jovem e adulta.

No estudo de Santiago e Franco (2015) identificamos as DS como interesse de pesquisa pela primeira vez em resumo publicado em 1991 nos Anais do CBCE por Silva Deutsch (1991) que destaca, naquele período, a procura por aulas de DS por jovens universitários/as no Departamento de EF da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP/Rio Claro). Em forma de artigo científico – foco de nosso estudo – as DS são situadas no ano de 1995, aspecto também descrito por Pacheco (1999) e Fonseca, Vecchi e Gama (2012). O gráfico 01, a seguir, mostra o trajeto cronológico em que as DS passaram a integrar o panorama investigativo dos periódicos investigados.

Gráfico 01: Relação ano/publicações DS/contexto Não Escolar (NE) e Escolar (E)



Ainda que com a primeira publicação em 1995, o interesse pela produção científica em passa a tomar forma no panorama dos periódicos da EF a partir da primeira década dos anos

2 Três estudos se fundamentaram em abordagem quanti-qualitativa e 03 em abordagem quantitativa.

2000. Para o contexto não escolar, entre 2005 e 2019 foi publicado pelo menos um artigo a cada ano, com exceção para 2006, 2016 e 2017; e, no contexto geral, 2011 ressalta o maior número de publicações: 03 no contexto não escolar e 02 no escolar. Nas linhas seguintes discutiremos sobre o que esses dados nos permitem refletir sobre a relação entre as DS e a EF.

Para o contexto não escolar esse movimento cronológico caminha lado a lado a outras formas de produções sobre DS que passaram a ser referência nacional estimulando o interesse acadêmico por essa temática, das quais destacamos as teses de doutorado defendidas por Volp (1994) e Deutsch (1997), trabalhos estes citados em 04 dos 20 artigos investigados. As publicações também referenciam outros trabalhos acadêmicos como a dissertação de Fonseca (2008) e o trabalho de conclusão de curso de graduação de Freitas (2007).

Da mesma forma, livros impressos sobre as DS foram também publicados neste período, dos quais enumeramos Gonzaga (1996), Freitas e Barbosa (1998), Ried (2003), Perna (2005a, 2005b), Jesus (2005), Saldanha (2007, 2010); Zamoner (2013), dentre outros. Destaque para Ried (2003) citado em 06 dos estudos da pesquisa, assim como para Perna (2005b) citado em 02 artigos.

Para o contexto escolar as publicações situam os anos de 2002, 2007, 2008, 2010, 2011, 2013 e 2015; número restrito que nos permite apenas ressaltar a proximidade com o movimento teórico sobre DS que tomaram o cenário nacional a partir dos anos de 1990, destacando, ainda, que neste período a dança foi entendida e inserida como conteúdo das áreas de EF e Artes na escola pela via dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997a, 1997b, 2000), aspectos que discutiremos na última seção deste estudo.

Os dados coletados também nos permitiram identificar que em duas regiões do país concentram-se as produções referentes às DS a partir da análise dos 08 periódicos. Dezesete instituições se destacam na região sudeste com realce para o estado de São Paulo com 11 delas, Minas Gerais com 04 e Rio de Janeiro com 01. Na região sul, Santa Catarina prevalece com 03 instituições e Paraná com 01, fechando essa região com 04 entidades. Apenas uma instituição da região nordeste é destacada na amostra.

No estudo de Zamoner (2010) e de Fonseca, Vechi e Gama (2012) as regiões sul e sudeste também são predominantes nas publicações. No primeiro, destacam-se 09 instituições da região sudeste e 06 da sul, com 10 publicações para cada uma delas. No segundo, 06 instituições da região sudeste com 06 artigos e 03 instituições para 04 artigos na região sul.

Quadro 02: Relação Região/Instrução/publicações/Autoria sobre DS

Região/Instituição/Cidade/Estado	NE	E	Autoria <sup>3</sup>
<b>Região sudeste</b>	-	-	-
Universidade Estadual Paulista/Rio Claro/SP	04	02	11

3 Foram envolvidos no levantamento dos 22 artigos 53 autores/as, sendo 31 do gênero feminino e 22 do masculino. No entanto, cabe informar que 05 deles/as são indicados nas publicações como vinculados/as a duas instituições.

Universidade São Judas Tadeu/São Paulo/SP	03	-	06
Universidade Metodista de Piracicaba/Piracicaba/SP	01	-	02
Universidade Federal de São Paulo/São Paulo/SP	01	-	01
Universidade Estadual Paulista/Bauru/SP	01	-	02
Universidade de São Paulo/São Paulo/SP	01		02
Veris Faculdades/Campinas/SP	01	-	01
Universidade Estadual de Campinas/Campinas/SP	01	01	05
Centro Universitário do Norte Paulista/São José Rio Preto/SP	-	01	02
Centro Universitário de Jaguariúna/Jaguariúna/SP	01	-	01
Ambulatório Transtornos Movimento Hospital de Base/São José do Rio Preto/SP	01	-	01
Cia. De Dança Guto Rodrigues/São José do Rio Preto/SP	01	-	01
Universidade Federal de Juiz de Fora/Juiz de Fora/MG	01	-	03
Universidade Federal de Viçosa/Viçosa/MG	01	-	01
Universidade Federal de Alfenas/Alfenas/MG	01	-	01
Universidade do Vale do Sapucaí/Pouso Alegre/MG	01	-	03
Universidade Castelo Branco/Rio de Janeiro/RJ	01	-	02
<b>Região sul</b>	-	-	-
Universidade Comunitária da Região de Chapecó/Chapecó/SC	-	01	02
Universidade do Estado de Santa Catarina/Florianópolis/SC	-	01	03
Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis/SC	-	01	01
Universidade Estadual de Londrina/Londrina/PR	01	-	06
<b>Região nordeste</b>	-	-	-
Universidade Federal de Pernambuco	01	-	01
Total	23	07	58

O estado de São Paulo se destaca na produção de estudos sobre as DS ressaltando duas entidades. Primeira, a UNESP/Rio Claro que ao mapearmos as autorias e co-auto-rias dos 20 artigos levantados identificamos 11 autores/as oriundos dessa instituição com destaque para Catia Volp em 05 deles e Silvia Deutsch em 02 - ambas docentes do Departamento de EF. Encontramos também 02 estudos de Antonio Quadros Junior vinculado ao programa de pós-graduação dessa instituição sob orientação de Catia Volp (Quadro 02).

A segunda instituição foi a Universidade São Judas Tadeu com 06 autores/as vinculados/as em que a docente Eliane Gama e a pós-graduada (no período da publicação) Cristiane Fonseca participaram de 02 publicações. Seis autores/as são descritos/as vinculados a Universidade Estadual de Londrina (UEL), todos/as são responsáveis pelo mesmo estudo.

Ainda no estado de São Paulo outras personalidades importantes se destacam teoricamente como, por exemplo, Betina Ried - docente da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí -, e o jornalista Milton Saldanha. Ampliando o panorama da região sudeste, Marco Antônio Perna, do Rio de Janeiro, seria outro destaque.

Essas informações nos levam a compreensão da importância de profissionais/docentes e pesquisadores/as interessados/as na execução, divulgação e produção sobre

qualquer tema, levando a criação de redes de estudos, formação profissional e atendimento específico a comunidades de determinada localidade. Assim, caberia entender posteriormente como as DS tem se manifestado nas regiões nordeste, centro-oeste e norte do país, considerando que nos periódicos investigados apenas a região nordeste é destacada com Moraes (2019).

Algumas pistas nos são apresentadas no estudo de Zamoner (2010) que identificou 02 produções na região centro-oeste vinculadas à Universidade de Brasília (UnB) e 03 na região nordeste sendo 02 vinculados à Universidade Federal do Ceará e 01 com coleta de dados realizadas em Campina Grande – PB, mas a publicação teórica vinculada ao estado do Paraná.

Por outras vias de publicação científica identificamos também ações neste campo como, por exemplo, o projeto de extensão Pés de Valsa que esteve vinculado ao curso de EF da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia, no período de 2011 a 2015, oferecendo a possibilidade de vivência artística, formação e atuação docente em DS à comunidade da região do Médio Araguaia (FRANCO, 2015). A partir de 2016 este projeto passou a se vincular à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

## O SEGUNDO BAILADO: HISTÓRIA, GÊNEROS/ESTILOS

Seguindo as normatizações da Federação Internacional de Danças Esportivas (FIDE), as DS se dividem em clássicas (ou europeias) e latinas. Como especificado anteriormente, a valsa vienense é a mais antiga das DS clássicas com consistentes bases na Europa que chegaram até outros continentes através dos processos de colonização (RIED, 2003).

Não diferente, o trânsito naval entre os continentes foi um fator importante na divulgação de ritmos do Novo Mundo para o Antigo Mundo. Com isso, chegaram à Europa o jazz, rumba, chachacha e salsa, que integram a categoria das danças latinas, assim como o samba. Representando um fator revolucionário para o início do século XX, o qual desencadeou a insatisfação de imperadores, reis e até mesmo o Papa, o tango chega à Europa em 1907 influenciando a moda e os costumes (RIED, 2003).

Já em 1910 invade a pista o *onestep* tornando-se, em seguida, o *foxtrot*. Junto a ele outros ritmos como o *cakewalk*, *boston*, *ragtime* e o *twostep* definiram uma nova forma de dançar, ultrapassando as formas tradicionais giratórias das valsas e da polca. A Inglaterra teve forte influência neste processo ao redimensionar tecnicamente os estilos vindos da França e de Nova York. Como ritmo especificamente latino, o samba invade a Europa em 1924 e, em 1948, era um dos de maior popularidade (RIED, 2003).

Nos anos de 1950 surge o *rock n' holl* em forma de contestação provocante aos padrões estabelecidos pela geração pós II Guerra Mundial. Em 1959 o *twist* provoca outro

escândalo, considerado como uma manifestação de protesto da juventude. Partindo de formas já desenvolvidas no *twist* e no *beat*, a década de 1970 marca uma nova maneira de dançar a dois, porém, sem contato físico (RIED, 2003).

Ademais do samba, enfatizando a identidade brasileira no que se refere às DS, o “forró” e as vertentes que o integram, o xote, o baião e o xaxado, destacam-se como outra forma de expressão das DS, mesmo que, de acordo com os registros históricos, sua origem seja de manifestações da cultura europeia (escocês) (QUADROS JUNIOR; VOLP, 2005; QUADROS JUNIOR, et al., 2009). O ritmo Soltinho também configura-se como outra manifestação brasileira que se aproxima do *swing*, o *rock n’ holle* o *Eastern Country Swing Americano* norte-americano, descrito por muitos/as autores/as como uma releitura destes ritmos (CORPO EM PAR, 2020).

Como bem descreve Volp (1994), nossos primeiro e segundo bailados levam-nos a compreender as DS como sendo danças realizadas em contato direto entre pares, que por meio da realização de passos variados, vinculados ou não a um aspecto técnico, exaltam uma harmonia entre o par e a música. Nesses bailados, desencadeiam movimentações em sentido anti-horário, em espaços ou “reuniões sociais”, que podem ser ou não destinados às DS<sup>4</sup>.

Após a análise de estilos e ritmos das DS, tanto no Brasil como no mundo, interessava-nos saber quais gêneros/estilos de DS eram destacados nas investigações. Assim, identificamos em 03 publicações as danças clássicas e latinas fundamentadas na perspectiva da FIDE; 07 apenas citam a expressão “danças de salão” sem designar gêneros e estilos; por fim, em 07 artigos os gêneros/estilos são mesclados entre aqueles descritos pela FIDE mais as variações de gêneros brasileiros não registrados pela FIDE: forró e suas vertentes, soltinho e danças gauchescas. Quatro trabalhos se dedicam ao estudo de variações do forró e outro, mesmo que citando as DS no geral, destaca a valsa. O quadro 02, abaixo apresenta detalhadamente essas informações.

Quadro 02: Gênero/estilos de DS nos Artigos e contextos

Gênero/estilo	Não escolar	Escolar	T
Clássicas, latinas e gêneros brasileiros	Oliveira; Tolocka (2009) e Moraes (2019).	Zaniboni; Carvalho (2007); Volp (2010), Souza; Caramaschi (2011), Zaniboni; Rodrigues (2013) e Dal Cin; Kleinubing (2015).	07
DS no geral	Abreu Pereira; Kessler (2008); Bocalini; Santos; Miranda (2007); Fonseca; Gama (2011); Fonseca, Vecchi; Gama (2012), Gomes et al. (2018) e Castelani et al. (2014).	Shibukawa et al. (2011)	07

4 O conceito de DS elaborado por Volp (1994) descrito indiretamente por nós é mencionado nos seguintes estudos que integram nosso levantamento: Volp (2010), Quadros Junior, et al. (2009), Oliveira et al. (2002), Abreu (2008) e Souza (2011).

Clássica e Latinas	Paula et al. (2011); Trevisan; Schwartz (2018) e Volp; Deutsch; Schwartz (1995).	-	03
Forró: Xote, Baião e Xaxado	Quadros Júnior; Volp (2005), Nunes e Zambon (2008), Quadros Júnior et al. (2009) e Valladão e Fidelis (2011).	-	04
Valsa	-	Oliveira et al. (2002)	01
Total			22

Os dados do quadro 02 levantam indícios de que, ainda que menos estudos tenham como foco o contexto escolar, este espaço apresenta-se como um campo mais aberto a variedade de experimentações de gêneros de DS, em especial, para aqueles concebidos de cunho mais popular (forró, xote, baião, xaxado, danças gauchescas, vanerão, etc.).

Nessa perspectiva, Volp (1994, 2010) ressalta que as DS podem propiciar aos/às discentes uma gama de conhecimentos que mesclam técnicas, posturas, história, origem dos ritmos, ética, etiqueta, criatividade, assim como outras habilidades e capacidades presentes na prática das DS e, pensando na dança no sentido mais amplo como conteúdo escolar, torna-se coerente com a perspectiva progressista que desde os anos 1980 passaram a influenciar os currículos escolares. Nessa vertente, o conhecimento cotidiano (dito popular) integra-se ao conhecimento científico na efetivação do conhecimento escolar (ARNAY, 1998).

Da mesma forma, as DS contextualizadas teoricamente no sentido geral foram foco em estudos do contexto não escolar, na maioria das vezes, em investigações em que foi o mecanismo para obtenção de mensuração da capacidade funcional e do equilíbrio, da imagem e percepção corporal e, também, a compreensão dos aspectos motivadores da prática das DS.

## O TERCEIRO BAILADO: DANÇAS DE SALÃO NOS PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao discutir sobre os processos de categorização das DS fundamentada na FIDE, Ried (2003) explica que elas abrangem as dimensões do lazer, da saúde e do esporte. Em consonância com o caráter metodológico inventariante e descritivo (FERREIRA, 2002) proposto para a descrição, análise e contextualização das produções levantadas nos 08 periódicos da EF, optamos por manter as categorias descritas por Ried (2003), contudo, duas outras categorias emergiram do material levantado, Revisão de Literatura e Educação, sendo esta última coerentemente associada a um dos principais objetivos traçados por nós.

Quadro 02: Categorização das Publicações sobre as DS nos periódicos da EF

<b>Categoria</b>	<b>Revisão Lit.</b>	<b>Esporte</b>	<b>Lazer</b>	<b>Saúde</b>	<b>Educação</b>	<b>Total</b>
Publicações	01	02	04	07	08	22

Com apresentado no quadro 02, cinco categorias de descrição e análise foram criadas a partir dos dados levantados, sendo contextualizadas a seguir.

## REVISÃO DE LITERATURA

Partindo de uma revisão narrativa, Fonseca, Vecchi e Gama (2012) elencaram como a percepção corporal é influenciada pelas DS. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa em que são discutidos os conceitos básicos das DS a partir da bibliografia elencada, assim como os aspectos formadores da percepção corporal, o esquema e a imagem corporal. A produção de alterações positivas na relação mente-corpo foi evidenciada pelo estudo, influenciando na percepção corporal do/a praticante nos aspectos proprioceptivo (esquema corporal) e emocional (imagem corporal). Concluíram que técnica e emoção são fatores mutuamente necessários para construção de uma identidade estética e expressiva da DS.

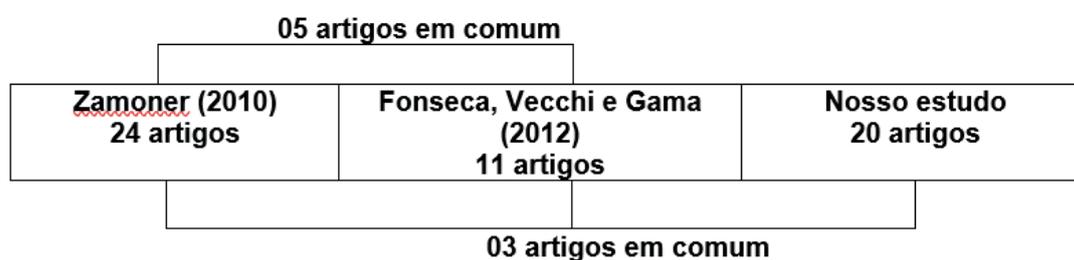
Considerando a relevância deste estudo, assim como o de Zamoner (2010) que dedicam a enumerar os caminhos da produção acadêmica em DS, propomos como análise dessa seção, longe de qualquer juízo de valor, estabelecer aproximações e afastamentos entre esses dois trabalhos e a nossa proposta investigativa no sentido de ampliar as discussões sobre o tema. O quadro 03, abaixo propõe algumas informações a serem contextualizadas.

Quadro 03: Aproximações e distanciamentos em estudos sobre DS

<b>Focos/artigos</b>	<b>Zamoner (2010)</b>	<b>Fonseca, Vecchi e Gama (2012)</b>	<b>Nosso estudo</b>
Recorte	2000-2010	1995 - 2010	1979 - 2019
Abordagem	Quantitativa	Qualitativa	Quanti-Qualitativa
Fontes	13 Indexadores	Não identificado	13 Periódicos da EF
Panorama	Nacional e internacional	Nacional e internacional	Nacional
Tema	DS	DS/percepção corporal	DS
Revisão	Sistemática	Narrativa	Sistemática
Publicações	Artigos	Dissertação, monografia, artigo e resumo	Artigos
Maior incidência	2007	2007	2011
Contexto destacado	Não escolar	Não escolar	Não escolar
Categoria destacada	Saúde	Saúde	Educação

Não diferente das discussões já descritas linhas atrás, o contexto não escolar é que prevalece em todos os estudos com especial destaque para a categoria Saúde que, em Nosso estudo, foi a segunda categoria mais evidenciada (07 artigos), um a menos que na categoria Educação, aspecto este que também é um indicador de forte proximidade entre os 03 estudos.

Em Zamoner (2010) e Nosso estudo o olhar foi destinado a publicações de artigos em periódicos e com enfoque nas DS, aspecto que em Fonseca, Vecch, Gama (2012) é mais amplo por focalizarem outras formas de publicação (dissertações, monografias e resumos) e mais restrito no que se refere ao tema ao trazerem como demarcador a relação entre as DS e a percepção corporal, assim como, diferente dos demais, caracteriza-se como uma revisão narrativa por não determinar as fontes de busca. Sobre o recorte temporal, Nosso estudo está situado entre 1979 e 2019. Para os outros estudos, demarcamos este recorte a partir das datas das publicações referentes às DS apresentadas, já que este aspecto não é delimitado. Sobre as publicações em forma de artigo nos 03 estudos temos o seguinte esquema:



A partir do esquema acima, verificamos que 05 artigos se repetem nos levantamentos de Zamoner (2010) e Fonseca, Vecchi e Gama (2012) e outros 03 artigos são comuns aos 03 estudos em discussão. Identificamos, assim, nos 03 estudos, um total de 44 artigos em idioma português que discutem as DS no espectro de 24 periódicos, dos quais 02 são internacionais (*Lecturas: Educación Física y Deportes* e *American Journal of Dance Therapy*).

A coincidência de 05 artigos comuns aos dois primeiros estudos destaca uma incidência de maior publicação sobre o tema no ano de 2007 seguindo com representação relevante até 2009. Em Zamoner (2010), 2007 com 10 artigos, 2008 com 04 e 2009 com 05. Para Fonseca, Vecchi e Gama (2012), 2007 apresenta-se com 08 publicações e, 2008, apenas uma. Importante destacar que Maristela Zamoner é a autora mais evidente, em 06 publicações, e que, no contexto geral, o periódico mais exaltado foi *Lecturas: Educación Física y Deportes* com 09 publicações descritas no artigo de Zamoner (2010), representando, portanto, 37,5% das publicações que contextualizam as DS nesta investigação. Tal destaque no recorte entre 2007 e 2009, assim como na referida autora, levanta indícios da influência da realização do curso de especialização “Dança de Salão: teoria e técnica” realizado pela Faculdade Metropolitana de Curitiba (FAMEC), concluído em 2007, assim como descrito no estudo de Zamoner (2007).

Considerando este aspecto, ressaltamos Nosso estudo como de enfoque em periódicos nacionais e de abordagem quanti-qualitativa no qual investigamos diretamente nas edições de 13 periódicos com o intuito de quantificar a produção sobre dança no contexto mais amplo e

lançar um olhar sobre os dados quantitativos contextualizando-os no aspecto qualitativo. Nisso, no que se refere à abordagem metodológica, estamos na mediação entre os estudos de Zamoner (2010) e Fonseca, Vecchi e Gama (2012). Neste sentido, segue a produção de nosso inventário em que problematizamos as DS nos periódicos nacionais da EF.

## ESPORTE

Em relação às vertentes das DS na perspectiva esportiva, dois estudos foram levantados, sendo um discutindo aspectos fisiológicos ligados a Dança em Cadeiras de Rodas (DECR) e outro contextualizando sobre a criatividade na Dança Esportiva (DE).

Paula et al. (2011) verificaram o comportamento da frequência cardíaca (FC) de dançarinos/as cadeirantes durante uma competição de DECR em duas situações. Na primeira, compararam a FC máxima de pico (FCMpico) obtida durante a competição e a calculada (FCMcal) prevista pela idade. Na segunda, compararam a carga física e a resposta cardíaca específica entre as danças samba, rumba e *jive*. Foi utilizado um conjunto de frequencímetros em 09 atletas cadeirantes (05 mulheres e 04 homens) no VII Campeonato Brasileiro de DECR realizado em Santos - SP.

De acordo com os resultados dessa pesquisa de abordagem quantitativa, observaram que a curva da representação gráfica da FC foi compatível com uma atividade física intermitente, sendo a média da carga física das rodadas de 89,9%. Uma diferença significativa de intensidade entre os ritmos foi também averiguada, sendo o *jive* mais intenso do que o samba e a rumba. Já a comparação entre a FCMpico e FCMcal mostrou que a média da FCMpico foi maior do que a calculada pela idade. Concluíram que a DECR é uma modalidade com características intermitentes, sendo a média de intensidade durante as rodadas compatível com uma atividade de alta intensidade e que, muito provavelmente, os atletas atingem a FCM durante a competição (PAULA et al., 2011).

Trevisan e Schwartz (2018) investigaram, de acordo com a visão de técnicos e árbitros de DE, os parâmetros de julgamento na percepção subjetiva da criatividade. Para isso, nessa pesquisa empírica, exploratória e de abordagem quali-quantitativa, as autoras selecionaram por conveniência uma mostra intencional composta por seis árbitros/as (três homens e três mulheres) e quatro técnicos/as (dois homens e duas mulheres) de DE, sendo os/as participantes ex-atletas da modalidade, de ambos os gêneros, com idade entre 28 e 59 anos e com experiência de 3 a 11 anos como árbitros/as ou técnicos/as. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com os/as participantes e a metodologia utilizada foi a análise de conteúdo.

A pesquisa apresenta que a criatividade depende do conhecimento, da forma como o movimento é expresso, da habilidade de resolver problemas, da intencionalidade e dos significados que possuem. Corroborando com autores/as discutidos no estudo, Trevisan e Schwartz (2018) defendem a criatividade como capacidade que envolve aspectos cogni-

tivos e emocionais, assim como uma forma inovadora e diferente para resolução de problemas e imprimir aspectos artísticos. Ademais, a criatividade é percebida na avaliação de forma subjetiva e dependente da qualidade técnica e rítmica da coreografia, tanto na relação interpessoal quanto no equilíbrio e harmonia com a música.

Estes dados nos levam a refletir a respeito dos diferentes enfoques encontrados nas pesquisas sobre as DS na categoria esportiva, gerando certo antagonismo entre essas duas vertentes. Paula et al. (2011) utilizaram uma competição de DECR para mensurar a FC e Trevisan e Schwartz (2018) utilizaram-se de árbitros/as e técnicos/as para entenderem a percepção subjetiva da criatividade na DE.

Isso posto, inferimos que não existe uma regra para a pesquisa, porém, no primeiro caso, ela é usada para responder determinados questionamentos de viés mais biológicos, ou seja, a dança deixa de ser um fim e passa a ser um meio para tal, abandonando características subjetivas, sociais e, possivelmente, culturais da modalidade. Afinados/as com uma vertente de discussão mais subjetiva em relação à dança, ao problematizar sobre a criatividade o estudo de Trevisan e Schwartz (2018) nos remete às conclusões de Fonseca, Vecchi e Gama (2012) ao explicitarem que a técnica e a emoção são mutuamente necessários para construção de uma identidade estética e expressiva das DS. Neste processo, a criatividade é um fator essencial.

## LAZER

Para a categoria Lazer, aspectos motivacionais para a prática das DS foi o foco de um dos estudos. Nas outras três publicações foi abordado o forró e suas vertentes numa perspectiva histórica, conceitual, filosófica e como forma de divertimento.

Volp, Deutsch e Schwartz (1995) investigaram os motivos que levaram pessoas de Rio Claro – SP a praticarem DS. Trabalharam com um grupo de adultos/as e outro de adolescentes. Um questionário semi-estruturado foi aplicado ao primeiro grupo integrado por 25 homens e 35 mulheres, com idade média de 52,18 anos, frequentadores/as de escolas de DS. Uma entrevista contendo as mesmas questões do questionário foi realizada com o segundo grupo: estudantes da 8ª série de uma escola particular de Rio Claro – SP, sendo 15 homens e 23 mulheres com idade média de 14,76 anos, que participaram de 12 aulas de DS. Os motivos que levaram a maioria dos sujeitos a praticarem as DS foi o prazer, assim, as autoras analisaram porque as DS podem representar uma atividade prazerosa. Foram relatadas também a ocupação do tempo livre, a liberação de tensão e a experiência social, o que permitiu uma série de análises sobre os benefícios da prática dessa modalidade de dança.

Numa perspectiva de lazer, prazer e alegria, o forró universitário foi o foco de Quadros Junior e Volp (2005) que discutem a proximidade da expressão forró como “festa”, portanto, lazer. Trata-se de um estudo bibliográfico sustentado em teóricos/as da música

e da EF entendendo o corpo como um fenômeno inserido, construído e construtor de cultura. Dentre as vertentes que tentam definir a origem do nome “furró”, afinam-se com a versão que antecede o século XIX, com marcas claras da cultura africana que nos apresentou a expressão “forrobodó”, que muito se aproxima de uma “algazarra”, “festa para a ralé”, “arrasta-pé”, etc. Concluem o “furró” como um fenômeno que abrange a música e a dança, manifestado através da cultura nordestina, em especial, pelo xote, baião e xaxado, assumindo uma nova roupagem nos anos de 1990 ao ser influenciado por outros gêneros musicais como o *reggae* e o *rock’nroll*, e na dança, o samba-rock e o *rock’nroll* na região sudeste do Brasil.

Ampliando os estudos sobre o furró, partindo também para empiria, Quadros Junior et al. (2009) problematizaram o xote e o baião do interior do estado de São Paulo. Verificaram e descreveram quais os passos mais utilizados e analisaram culturalmente o furró através de uma pesquisa qualitativa. Utilizaram-se de filmagens, entrevistas e questionário aplicados a casais de dançarinos/as, adeptos/as da cultura forrozeira e músicos/as profissionais. Não diferente do estudo anterior, concluem que o furró é uma festa na qual se toca e se dança diversos ritmos musicais fortemente vivenciados na região nordeste, em especial, o xote e o baião. Apresentam seus passos fundamentais destacando que no furró deve prevalecer a simplicidade e a humildade, características disseminadas e presentes no cotidiano dos/as criadores/as, propagadores/as e cultuadores/as do furró.

Para além da simplicidade e humildade que circundam as origens do furró, Valladão e Fidelis (2011) refletem sobre o xaxado na perspectiva dos conceitos de *transvaloração*, super-homem, modelos apolíneos e dionisíacos cunhados de por Nietzsche. Ressaltam as comunidades portuguesa e indígena que integram o processo de mestiçagem do povo sertanejo, sendo a primeira vinculada a costumes cristãos e, a segunda, uma liberdade corporal expressa pela livre gestualidade, a louvação às divindades, estabelecendo maior proximidade com a natureza. O xaxado se afina mais com as características da comunidade indígena ressaltando um simbolismo dionisíaco, representado por Lampião e seus cangaceiros, “cabras machos”, ao festejarem suas vitórias dançando arrastando suas sandálias no chão, levantando indícios do surgimento do superhomem de Nietzsche, por meio de uma vontade de potência, rompendo com o modelo de moral pré-estabelecido.

Próximo ao que foi discutido nas análises do quadro 02, entretanto, com um olhar para o contexto não escolar, a categoria lazer destaca estudos que estabelecem uma estreita relação com vertentes populares das DS que mais se aproximam das vivências corporais do cotidiano fortemente ligadas a atividades de livre expressão que levam pessoas a busca do prazer.

Com isso, partindo das considerações de Barbosa e Silva (2011) ao discutirem sobre as origens e significados do lazer a partir de estudiosos/as clássicos/as da área, Volp, Deutsch e Schwartz (1995) e Valladão e Fidelis (2011) exaltam a relevância das experiências de lazer na sociedade pós-industrial, em que se manifesta uma necessidade de aproveitamen-

to do “tempo livre” em espaços, tempos e circunstâncias historicamente diferentes: uma na sociedade urbana, outra no sertão nordestino. Por outro viés, e de grande importância para a efetivação das DS como área de conhecimento, Quadros Junior e Volp (2005) e Quadros Junior et al. (2009) sistematizam conceitualmente o forró ressaltando, dentro da perspectiva dos estudos sobre o lazer, a correlação entre os campos sociais, intelectuais e artísticos. Cabe ressaltar que o lazer perpassa quase todas as categorias descritas neste estudo, em especial, naqueles estudos em que o enfoque prevalente foi a saúde.

## SAÚDE

A categoria Saúde apresenta sete trabalhos contextualizando as DS em diferentes cenários vinculadas a questões como: aptidão funcional, resistência aeróbica, equilíbrio, percepção corporal e timidez. Evidenciam-se quatro estudos com enfoque em idosos/as e três na população adulta, subcategorias utilizadas para a descrição e análise das investigações.

Sobre a população idosa, Bocalini, Santos e Miranda (2007) avaliaram a prática de DS na aptidão funcional de mulheres idosas. Foram aplicados questionários e testes relacionados a essa aptidão antes e após a prática de dança por um período de 12 semanas com módulos de 60 minutos, duas vezes por semana. Foram selecionadas 37 idosas saudáveis divididas em dois grupos: Sedentárias e Praticantes de DS. O estudo expõe que o envelhecimento leva a uma perda da capacidade funcional, aumentando com o sedentarismo - uma das principais causas de doenças crônicas degenerativas. Também ressalta o papel positivo das DS no que se refere aos estados de ânimo, no equilíbrio, na força muscular e na redução do risco de quedas. A partir dos resultados, indicam o favorecimento da prática das DS como importante estratégia na melhora da qualidade de vida e também da aptidão física.

Apresentando uma proposta que não está diretamente ligada ao ensino das DS, Oliveira e Tolocka (2009) analisaram a inclusão social de idosos/as do interior de São Paulo que vivem em instituições de longa permanência e participam de bailes nessa instituição. O estudo é de caráter qualitativo, exploratório e longitudinal, usando como pressuposto a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1996, 2005). Foram formados dois grupos: o primeiro, integrado por moradores/as da instituição (GMI), sendo 21 mulheres e 09 homens; e o segundo por pessoas não institucionalizadas (GV), 14 mulheres e 16 homens. A idade destes grupos variava entre 50 e 89 anos, sendo feita 18 observações em bailes que ocorriam semanalmente durante duas horas. O GMI era formado em sua maioria por pessoas que se utilizavam de prótese ou órteses ou possuíam alguma demência e eram conduzidos/as até o salão por voluntários/as. O número de relações interpessoais estabelecidas pelo GMI foi menor se comparada com o GV e diminuíram durante o estudo. Como fator dessa diminuição, cita-se a condição clínica dos/as idosos/as do GMI.

As disposições disruptivas como não aceitar o convite para dançar ou não realizar nenhum tipo de atividade foram identificadas em sua maioria no GMI. A partir dos dados levantados foi sugerida a necessidade de possíveis adaptações para a inclusão dessas pessoas.

De acordo o envolvimento em DS e suas relações com variáveis sociodemográficas e indicadores de saúde, de atividade física e de bem-estar, Gomes et al. (2018) descrevem um grupo de idosos/as baseada nos dados do banco eletrônico de um estudo populacional, descritivo e de corte transversal sobre fragilidade em idosos/as (Rede Fibra – Rede de Estudos sobre Fragilidade em Idosos Brasileiros). A pesquisa de abordagem quantitativa foi composta por uma amostra de 230 idosos/as, sem déficit cognitivo, que responderam afirmativamente ao envolvimento em prática de DS a partir do levantamento realizado pela aplicação do *Minnesota Leisure Time Activity Questionnaire* (MLAQ). Concluíram que um número significativo dos/as participantes dançavam os 12 meses do ano, sendo classificados/as como ativos/as fisicamente. Comparado com as outras atividades esportivas relatadas, a DS se mostrou desempenhar um papel primordial na manutenção do estilo de vida ativo, com possíveis implicações para o bem-estar físico e mental.

A partir de uma pesquisa empírica de abordagem quantitativa, Moraes (2019) verificou o efeito de um programa de exercício com atividades de DS na pressão arterial e na aptidão aeróbica em idosas hipertensas. A mostra foi composta por 15 idosas com idade entre 60 a 80 anos, controladas por medicamentos e cadastradas na Unidade Básica de Saúde da Família (PSF) de um bairro de Vitória de Santo Antão – PE. Os dados empíricos foram coletados entre agosto e dezembro de 2017, totalizando 17 semanas, com 03 sessões semanais em dias alternados em que eram desenvolvidas as aulas. As DS foram escolhidas por serem entendidas pelo autor como uma atividade lúdica que estimula a autoconfiança e possui caráter socializador, além de auxiliar no controle das patologias ampliando a qualidade de vida de seus/suas praticantes. Dessa forma, as sessões de DS promoveram o efeito hipotensor e melhoria da capacidade aeróbica das idosas hipertensas.

No que se refere à relação entre as DS e o público adulto, Abreu; Pereira e Kessler (2008) verificaram o nível de timidez e motivação em um grupo de 10 pessoas, de ambos os gêneros, com idade entre 18 e 40 anos, que praticavam as DS juntos/as a mais de 02 anos em Pouso Alegre - MG. O grupo respondeu a um egograma adaptado da análise transacional produzido para o estudo com um delineamento observacional, clínico, transversal e prospectivo. São discutidos neste artigo os termos: psicologia, motivação, timidez e ansiedade. Após essas teorizações, as DS são contextualizadas como uma prática bastante procurada por pessoas que buscam vencer a timidez, mostrando-se favorável. Por meio da análise dos dados obtidos, os/as autores/as concluíram que os/as praticantes de DS são bastante motivados/as, apresentando características como se tornarem mais soltos/as e livres.

Tendo o objetivo de avaliar os benefícios da prática das DS em alunos/as iniciantes relacionados à própria imagem corporal, Fonseca e Gama (2011) se utilizam de uma escala de silhuetas proposta por Stunkard (1983) para avaliar o grau de autossatisfação corporal antes e

depois de um módulo inicial de aulas de dança. Para tal, foram avaliadas 15 pessoas de ambos os gêneros com idade que variavam entre 21 e 60 anos. Também foi aplicado um questionário sobre dados socioeconômicos para caracterizar as pessoas pesquisadas. As autoras estruturaram seu trabalho trazendo reflexões referentes à dança, às DS, ao movimento e a imagem corporal. Após demonstrarem os dados levantados através das análises feitas, concluíram que as DS trouxeram benefícios nos aspectos psicológicos para os/as praticantes, independente do gênero, sendo responsável também pela melhoria da satisfação corporal, em especial, das mulheres que inicialmente apresentavam-se descontentes com sua autoimagem.

Castelani et al. (2014) analisaram o equilíbrio dinâmico e controle postural em três grupos: praticantes de balé (GB), praticantes de DS (GS) e não praticantes (GC); selecionados devido à frequência em diferentes academias de dança de Londrina-PR. O primeiro grupo com experiência média em dança de 08 anos, o segundo de 5,5 anos e o terceiro sendo todos/as universitários/as do curso de EF que não praticavam dança por mais de seis meses. A análise do controle postural foi feita através de uma plataforma de equilíbrio dinâmico composta de uma prancha de madeira sustentada em uma base semiesférica contendo sensores eletrônicos nas laterais para medir as variáveis relacionadas ao equilíbrio dinâmico. Os desequilíbrios eram caracterizados pelo número de toques no solo. Após a análise dos testes verificou-se que, diferente do esperado, os/as bailarinos/as não se destacaram no teste de equilíbrio e que os/as praticantes de DS apresentaram melhor equilíbrio comparado aos não praticantes. Concluíram que a dança influencia positivamente no equilíbrio dinâmico, recomendando a prática de DS e também do balé.

Não diferente dos estudos descritos nessa categoria, afirmar que as DS proporcionam inúmeros benefícios aos seus/suas praticantes já é recorrência no meio acadêmico. Nesse contexto, podemos citar a melhora da coordenação motora, ritmo, percepção espacial, desenvolvimento da musculatura, aumento das relações sociais, além de melhorar a autoestima e quebrar bloqueios psicológicos (ABREU, 2008). Ademais, as DS também são interpretadas como uma atividade prazerosa que leva à socialização, prazer este que pode ser entendido como a satisfação plena, já que essa dança possui regras e objetivos claros, retorno imediato (pela sincronia entre o casal), permitindo que a pessoa entregue-se ao ato de dançar, afastando-se de preocupações e ainda apresenta desafios (VOLP, 1995).

## EDUCAÇÃO

Nesta categoria tivemos o intuito de responder a última questão levantada para este estudo, qual seja: como as DS têm sido contextualizadas nos periódicos nacionais sob a perspectiva pedagógica? Foram encontrados oito artigos entre os anos de 2002 e 2015, sendo sete baseados em estudos empíricos e um bibliográfico. Cinco estudos tiveram como foco a educação básica, dois a educação superior e um a educação no contexto não formal.

Zaniboni e Carvalho (2007) compreendem as DS como uma forma de expressão relacionada à prática social da linguagem. Para atender a esse objetivo foram ministradas aulas dessa modalidade para alunos/as do ensino fundamental de uma escola privada de São José do Rio Preto - SP. Foram ensinados ritmos como samba e forró e, fundamentados no Paradigma Indiciário (GINZBURG, 2003), o olhar se deu não somente na técnica, mas também para sinais discursivos dos/as praticantes que pudessem evidenciar as contribuições das DS como prática social da linguagem, quais sejam, a convivência em grupo e possíveis mudança na conduta da construção da autoimagem.

Durante essa prática, a atitude dos/as discentes se alterou, havendo maior interação entre meninos e meninas. Passaram também a ser mais vaidosos/as em relação a sua aparência, o que foi percebido pela mudança em relação às roupas que usavam e o uso de maquiagem pelas meninas a partir das aulas. O trabalho concluiu que as DS podem produzir um espaço saudável de convivência, podendo minimizar o medo da solidão e incentivar o respeito pelo corpo (ZANIBONI; CARVALHO, 2007).

Nunes e Zambon (2018) investigaram uma Casa Cultural na região metropolitana de São Paulo, em noites específicas para o público forrozeiro, com o objetivo de colaborar com a democratização dos saberes propostos pelo currículo cultural da EF, a partir de uma pesquisa etnográfica inspirada no espírito de um *flâneur* reflexivo, sugerido por McLaren (2000), visando compreender os processos sociais que conduzem determinado evento, além da possibilidade de descrever a realidade social vivida em dado campo por meio de uma análise descentralizada dos relatos, entrevistas, documentos, etc. A imersão no espaço cultural ocorreu por meio de quatro visitas em dias de evento distintos, com o objetivo de produzir dados referentes às formas de organização, publicização, distribuição e ocupação dos espaços, recepção das músicas, dos passos coreográficos dominantes, dos comportamentos sociais de grupos, casais e individuais. Conclui-se que o conjunto de dados produzidos nas visitas pode colaborar para que o docente da área de EF produza currículos alinhados à problemática da escola inserida na sociedade multicultural.

Através de um estudo de corte transversal e de abordagem quanti-qualitativa, Shibukawa et al. (2011) analisaram os motivos da prática da DS nas aulas de EF escolar de escolas particulares na cidade de Florianópolis/SC, estabelecendo relações com o gênero, seu tempo de prática e participação em eventos de DS. Trata-se de uma pesquisa empírica, realizada com 279 discentes, 99 do gênero masculino e 180 do feminino, com idade entre 12 e 21 anos. Aplicou-se um questionário de motivação para atividades desportivas – QMAD, composto por 15 questões. Conclui-se que havia diferenças na motivação entre os gêneros, o tempo de prática e a frequência nos eventos. Destacou-se o maior número de participantes do gênero feminino motivada principalmente pelo divertimento e sensação de prazer.

Souza e Caramaschi (2011) identificaram por meio de uma pesquisa qualitativa e descritiva a reação e percepção de adolescentes do ensino fundamental de uma escola da rede estadual do interior do Estado de São Paulo, relacionada ao contato corporal, bem

como às expressões emocionais através das DS. A coleta de dados foi realizada através da filmagem das aulas de DS e aplicação de questionário a 42 adolescentes com idades entre 13 a 15 anos, sendo 24 do gênero feminino e 18 do masculino.

Verificou-se que as experiências de dança propiciam uma maior proximidade corporal e demonstração de afetividade. Dessa forma, concluiu-se que é preciso oportunizar mais atividades dançantes na escola relacionadas ao desenvolvimento biopsicossocial, pois as DS podem ser um mecanismo facilitador no processo das relações interpessoais entre os/as adolescentes (SOUZA; CARAMASCHI, 2011).

Pela via da pesquisa-ação e de natureza qualitativa, Cin e Kleinubing (2015) analisaram as possibilidades de ensino-aprendizagem das DS nas aulas de EF a partir de uma proposta de intervenção realizada durante o estágio supervisionado do curso de licenciatura em EF da Universidade Comunitária da Região de Chapecó/SC. A mostra da pesquisa foi constituída por duas turmas de ensino médio de uma escola estadual de Chapecó/SC. A coleta dos dados foi realizada a partir de um plano de ação e diário de campo, no qual eram registradas as falas dos/as alunos/as e os acontecimentos durante a intervenção. Concluiu-se que, apesar das dificuldades de espaços, falta de interesse de alguns professores/as e inicial resistência dos/as alunos/as, os dados coletados permitem pensar que as DS como conteúdo curricular apresentam muitas possibilidades de ensino-aprendizagem na escola.

Com enfoque na Educação Superior, Oliveira et al. (2002) verificaram se havia relação entre aproximação/distanciamento dos casais durante a prática da valsa considerando a habilidade dos/as participantes a partir de critérios como “melhor dançarino/a”, “pior dançarino/a” e “com quem menos se gosta de dançar”. A amostra foi composta por 24 discentes de graduação (15 do gênero feminino e 09 do masculino) matriculados/as na disciplina Dança de Salão, oferecida pelo Departamento de EF da UNESP/Rio Claro. Nas atividades, doze duplas (casais) foram formadas, das quais três eram integrados somente por meninas.

Como instrumentos para a pesquisa foram utilizados um questionário para a construção de um sociograma e, em seguida, os/as participantes foram filmados/as quando dançavam o ritmo valsa vienense. Os resultados demonstraram que há aproximação dos casais quando o par é o/a “melhor dançarino/a”, ou é a pessoa “com quem mais se gosta de dançar” e também que há um distanciamento dos casais quando o par é o/a “pior dançarino/a” ou é a pessoa “com quem menos se gosta de dançar” (OLIVEIRA et al., 2002).

Através de uma pesquisa reflexiva bibliográfica, Volp (2010) traça o percurso de algumas legislações e documentos que asseguram o direito da dança na escola, assim como apresenta algumas de suas experiências com as DS na escola e no ensino superior, material que integra sua tese de doutorado. Reflete também a partir de filmes, como “Vem dançar”, que conta a história de um professor que levou as DS às escolas públicas de Nova York e cita a Confederação Brasileira de Dança Esportiva, demarcando a presença das DS no Brasil. A autora versa sobre orientações que tratam a dança como conteúdo legítimo na escola e a o percurso histórico das DS no Brasil nas instituições de ensino superior, citando

a criação do primeiro curso de dança na Universidade Federal de Viçosa. Conclui-se que houve a ampliação das DS no ensino superior e aumento de estudos acadêmicos na área.

Zaniboni e Rodrigues (2013) descrevem como aconteceu o processo de ensino e aprendizagem das DS através da análise das interações entre um professor e uma aluna com deficiência auditiva e visual. As aulas foram realizadas semanalmente, 60 minutos cada dia, no período entre de janeiro e junho de 2008, em uma academia de dança de São José do Rio Preto-SP. Como método, o professor se utilizava da Língua Brasileira de Sinais:

A aluna teve perda de visão adquirida aos 20 anos de idade, restando-lhe 10% da visão, permitindo-lhe perceber apenas vultos à distância. W. L. W. [o professor], dispõe, portanto, de um repertório de visão, que lhe permite um trabalho mnemônico de recuperar imagens por ela vivenciadas aos seus 20 anos de acuidade visual preservada (ZANIBONI; RODRIGUES, 2013, p. 228).

Conclui-se que o aprendizado foi para além de técnicas, como também possibilitou a superação física, emocional, social e ainda pode viabilizar a inclusão e realização social.

Pensando na dança no aspecto educacional, assim como tratado nos artigos acima, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, atualmente, é o documento de regulação obrigatória de todos os currículos no Brasil, a dança aparece tanto na disciplina Artes quanto na disciplina EF. Para a primeira, destacam-se os seguintes objetos de conhecimento: contextos e práticas, elementos da linguagem e processos de criação. Já na EF as habilidades se relacionam a objetos como: danças do contexto comunitário e regional, danças do Brasil e do mundo, danças de matriz indígena e africana, danças urbanas e as DS.

Considerando que os artigos aqui descritos tenham sido redigidos antes dessa base curricular, entre 2002 e 2015, vemos que em alguns deles existem elementos que estão de acordo com esse documento. Na verdade, cabe destacar que a BNCC foi construída a partir de outros referenciais (teóricos e oficiais) anteriores, cumprindo, entretanto, o papel de estabelecer diretrizes pedagógicas; diferente dos PCN que ‘sugere’ diretrizes pedagógicas pautadas na Nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB) (BRASIL, 1996).

Dentre os referenciais teóricos destacamos o Coletivo de Autores (1992) ao sugerir uma forma de sistematização da metodologia do ensino da EF de acordo com a tendência pedagógica do Movimento Renovador da EF que fortemente influenciou essa área nos anos de 1980 e 1990. No sentido mais amplo, essa obra entende que a dança integra os temas da cultura corporal juntamente com os esportes, os jogos e as brincadeiras, as lutas e as ginásticas. Como princípios da metodologia de ensino desses conteúdos o foco é a “apreensão da realidade”, consistindo na relação entre os conhecimentos específicos da EF e os aspectos de sua prática na realidade social com o intuito de articular a ação ao que se pensa dela e a que sentidos ela pode despertar no alunado.

Quanto aos referenciais oficiais, numa linha similar aos referenciais teóricos, os PCN das áreas de Artes e EF se destacam. O conteúdo dança se encontra descrito especificamen-

te no PCN volume 6 – Artes, porém, quando no PCN volume 7 – EF esse conteúdo é ressaltado, a instrução contida no documento orienta que se busque o volume anterior (PCN-6). Dessa forma, não há como desvincular esses dois documentos quando enfocamos a dança no contexto escolar, sobretudo porque dentre os três blocos de conteúdos do PCN-7 da EF, dois se remetem ao campo da dança, sendo um de forma direta e o outro de forma indireta: “atividades rítmicas e expressivas” e “conhecimentos sobre o corpo”; o que não descaracteriza, também, que a dança possa (ou esteja) vinculada ao ensino e aprendizagem do “esporte, jogos, lutas e ginásticas”, terceiro bloco de conteúdo; considerando ainda que o documento ressalta a necessidade de inter-relação entre esses três blocos (BRASIL, 1997a, 1997b).

Marques (2003) observa a importância da implementação dos PCN com relação à abordagem da dança enfocando, sobretudo, a possibilidade de uma ação artístico-educativa utilizando-se dos temas transversais. Assim, abraçar os aspectos sociais, afetivos, culturais e políticos da dança em sociedade é o que se pretende a partir da prática e reflexão desses princípios, portanto, numa perspectiva da diversidade e da multiplicidade.

Essa perspectiva educacional diversa e múltipla descrita a partir do Coletivo de Autores (1992), PCN (1997a, 1997b) e Marques (2003), e enfatizada na BNCC (BRASIL, 2017) se evidencia nos estudos descritos nessa seção. No que se refere aos referenciais oficiais, Volp (2010) e Shibukawa et al. (2011) destacam os PCN ao contextualizarem sobre o direito à dança como conteúdo escolar, coerentemente descrito pelo documento ao sugerir “danças e outras atividades rítmicas e/ou expressivas” a serem abordadas e adaptadas a cada contexto: “danças urbanas: rap, funk, break, pagode, danças de salão.” (BRASIL, 1997b, p. 40). Este direito à dança, mesmo que não anunciado nos demais estudos, encontra-se subtendido, expressando que as DS é um conteúdo que pode ser desenvolvido inclusive no contexto não formal da educação quando, por exemplo, Zaniboni e Rodrigues (2013) demonstram a criatividade de um professor na criação de estratégias pedagógicas para desenvolver esse conteúdo com uma aluna com deficiência.

Por outro lado, enquanto a BNCC apresenta as DS como conteúdo a ser trabalhado a partir do oitavo ano do ensino fundamental, nos PCN/EF do ensino fundamental (BRASIL, 1997b) ela entra nas diretrizes gerais do bloco de conteúdo “atividades rítmicas e expressivas”, estendendo-se a todos os ciclos. Porém, no PCN/EF - ensino médio a dança é descrita minimamente e contextualizada no sentido mais amplo, argumentando, contudo, que “Num país tão rico em ritmos e danças, parece paradoxal um programa de Educação Física centrado em esportes e ginásticas.” (BRASIL, 2000, p. 44). O documento também questiona sobre o reduzido número de atividades pedagógicas no ensino médio que abarcam as vertentes artísticas.

Assim, no que se refere à dança como conteúdo pedagógico na escola, a BNCC levanta indícios de um possível retrocesso no seu entendimento sobre o tema, considerando que no final dos anos 1990 os PCN já apontavam suas fragilidades, em especial, no ensino médio, como especificado acima. O que realmente mobiliza essa aparente recusa da dança como conteúdo escolar? Marques (2003) destaca três preconceitos advindos do imaginário

social que, segundo ela, ainda geram impedimentos para a consolidação da dança como conteúdo na escola, que são eles: a dança como uma expressão corporal considerada “coisa de mulher”, o receio do trabalho com o corpo devido seu entendimento como pertencente a uma dimensão pecaminosa e, por último, a concepção negativa de arte e artista histórica e socialmente construída. Seriam esses os motivos da recusa? Tais questões necessitam de maiores aprofundamentos nas dimensões teóricas, empíricas e documentais.

No entanto, sabemos que, partilhando do universo da dança, as DS não estão isentas dessas restrições apresentadas por Marques (2003), em especial, a forma que esses preconceitos interferem na formação e capacitação profissional para que a dança seja, independente da vertente, conteúdo escolar. Essa discussão perpassa também a questão das licenciaturas em dança que nos últimos anos além de formar profissionais específicos dessa área, sofrem também com as restrições que impedem que este conteúdo seja obrigatório na escola. Resta-nos, com isso, atreves dos dados apresentados e contextualizados, contribuir para essa longa trajetória que ainda encontra-se nos seus primeiros passos.

## **FIM DO BAILE! QUANDO SERÁ O PRÓXIMO?**

Ao contextualizarmos os significados atribuídos à DS em 14 periódicos brasileiros específicos para a EF encontramos 22 artigos que versam sobre o assunto em 08 dessas revistas. Os resultados do estudo confirmaram nossa desconfiança inicial de que a DS, assim como no campo geral da dança, também ocupa um lugar subalterno na EF.

Outro aspecto de nosso interesse foi entender se a DS se evidenciaria como possibilidade de processo educativo. Tal questão nos foi motivada em razão de identificarmos na literatura instituições brasileiras de ensino superior em EF que desde a década de 1990 oferecem essa vertente da dança como ensino e/ou extensão. Em nosso estudo, a categoria mais evidenciada foi “educação” com 08 artigos, o que não representa que o contexto escolar tenha sido a ênfase nas publicações. Mas, essa discussão merece maiores investimentos teóricos e ampliação das fontes; o que propomos aqui é mais uma contribuição nesse campo que, a partir dos periódicos aqui analisados, apresentam uma progressão tímida, mas gradativa do interesse pela DS como objeto de investigação na EF.

Este baile chegou ao fim, mas, outros virão. É necessário divulgar a DS, pois ela está, através de seus diferentes ritmos, intimamente ligada à cultura do povo brasileiro. Faz parte de suas tradições, de sua história, de sua forma de manifestar e viver sua diversidade nos mais amplos e diferentes aspectos. É imprescindível dar valor a nossa cultura, bem como nossas tradições.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Everton; PEREIRA, Luciane T. Z.; KESSLER, Edio J. Timidez e motivação em indivíduos praticantes de dança de salão. **Conexões**, Campinas, v. 6, p. 649-664, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637865/5556>. Acesso em 08.02.2020.
- ARNAY, José. Reflexões para um debate sobre a construção do conhecimento na escola: rumo a uma cultura científica escolar. In: RODRIGO, Maria J.; ARNAY, José (org.). **Conhecimento cotidiano, escolar e científico**: representação e mudança. São Paulo: Ática, 1998. p. 37-53.
- BARBOSA, Talita P.; SILVA, Odair V. Origens e significados do lazer. **Revista Científica Eletrônica de Turismo**, Garças; SP, ano VIII, n. 14, p. 1-5, jan. 2011. Disponível em <http://faef.revista.inf.br/site/c/turismo.html>. Acesso em: 28.04.2020.
- BOCALINI, Danilo S.; SANTOS, Rodrigo N.; MIRANDA; Maria L. J. Efeitos da Prática de Dança de Salão na Aptidão Funcional de Mulheres Idosas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 15, n. 3, p. 23-29, 2007. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/756>. Acesso em 08.04.2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997a. 130p.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: educação física. Brasília: MEC/SEF, 1997b. 114p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC; CONSED; UNDIME, 2017.
- CAMARGO, Maria L. M. **Música /movimento**: um universo em duas dimensões; aspectos técnicos e pedagógicos na Educação Física. Belo Horizonte: vila rica, 1994. 143 p.
- CASTELANI, Rafaela A. *et al.* Análise do equilíbrio dinâmico em praticantes de balé clássico, de dança de salão e de não praticantes de dança. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 4, p. 597-607, set./dez. 2014. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-30832014000400597](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-30832014000400597). Acesso em 10.02.2020.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CORPO EM PAR: escola de dança. Soltinho. 2020. Disponível em [http://corposempar.com.br/articles/index/article\\_detail/97/52/0](http://corposempar.com.br/articles/index/article_detail/97/52/0). Acesso em 15.04.2020.
- DAL CIN, Jamile; KLEINUBING, Neusa D. Dois pra lá e dois pra cá: as possibilidades da dança de salão nas aulas de educação física no ensino médio. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 796-807, out./dez. 2015. Disponível em <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/29161>>. Acesso em 17.04.2020.
- DEUTSCH, Sílvia. A dança de salão e a comunidade universitária. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1987, Uberlândia. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1991.

DEUTSCH, Silvia. **Musica e dança de salão**: interferências da audição e da dança nos estados de animo. 1997. 165f. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Psicologia, Departamento de Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

FAHLBUSCH, Hannelore. **Dança**: moderna-contemporânea. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

FARO, Antônio Jose. **Pequena história da dança**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge zahar, 2004.

FERREIRA, Norma S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & sociedade**. Campinas, SP, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em 02.05.19.

FONSECA, Cristiane C. **Esquema Corporal, Imagem Corporal e Aspectos Motivacionais na Dança de Salão**. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.usjt.br/biblioteca/mono\\_disser/mono\\_diss/078.pdf](http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/078.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2020.

FONSECA, Cristiane; C., GAMA Eliane F. A imagem corporal na dança de salão. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 37-43, 2011. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/2176>. Acesso em 10.02.2020.

FONSECA, Cristiane C.; VECCHI, Rodrigo L.; GAMA, Eliane F.. A influência da dança de salão na percepção corporal. **Motriz**, Rio Claro, v. 18 n. 1, p. 200-207, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v18n1/v18n1a20.pdf>. Acesso em 21.02.2020.

FRANCO, Neil. A experiência de formação docente em dança de salão: o projeto Pés de Valsa da UFMT/CUA. **Corixo**, Cuiabá, ano 2, n. 2, p. 15-25, jun. 2015.

FREITAS, G. A. **Motivos de condução, permanência e abandono de adultos praticantes de dança de salão da cidade de Florianópolis**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ed. Física) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREITAS, Rinaldo; BARBOSA, Cláudia. **Danças de Salão**: a vida em movimento. Fundação Mário de Andrade. Franca. 1998.

GOMES, Camilla R. et al. Fatores associados à prática de dança de salão em idosos residentes na comunidade: dados do Fibrá Polo Unicamp. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 589-601, out./dez. 2018. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/170207/160918>. Acesso em 06 jul. 2020.

GONZAGA, Luis. **Técnicas de Dança de Salão**. Sprint. São Paulo. 1996.

GÜNTER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 2, n. 22, p. 201-209, mai./ago. 2006.

JESUS, Carlinhos de. **Vem dançar comigo**. Rio de Janeiro. Gente, 2005.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003. 206 p.

Vamos dançar? Danças de salão, educação física e educação...

MEDINA, Aladia C. R.; MENDES, Cláudio L. A dança nos CONBRACE. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. **Anais...**, Recife, PE, 2007.

MORAIS, Flávio C. de. Efeito hipotensor e melhora na aptidão aeróbica de idosas que participam de exercícios envolvendo danças de salão. **Arquivos em movimento**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 124-142, Jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/17233/pdf>. Acesso em: 01.04.2020.

NUNES, Mário L. F.; ZAMBON, Ricardo H. É proibido cochilar: os significados das práticas corporais do forró universitário como contribuição para o currículo cultural da Educação Física. **Conexões**, Campinas, v. 16, n. 4, p. 565-581, out./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8652583/18839>. Acesso em 02 de jul. 2020.

OLIVEIRA, Raphael G.; TOLOCKA, Rute E. Inclusão social e pessoas que participam de bailes em uma instituição de longa permanência para idosos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 85-96, jan./mar. 2009. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevE-ducFis>. Acesso em 10.02.2020.

OLIVEIRA, Sandra R. G. et al. Espaço interpessoal da dança de Salão. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 1-5, 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/SOliveira.pdf>. Acesso em 20.04.2018.

PACHECO, Ana J. P. Educação Física e dança: uma análise bibliográfica. **Pensar a Prática**, Goiânia, n. 2, p. 156-171, Jan./Jun. 1999. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/148>. Acesso em 14.03.2020.

PAULA, Otávio R. et al. Carga física da dança esportiva em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, n. 19, v. 1, p. 11-19, jan./mar. 2011. Disponível:<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1903/1846>. Acesso em 15.02.2020.

QUADROS JÚNIOR, Antônio C.; VOLP, Cátia. Forró Universitário: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n.2, p. 127-130, mai./ago. 2005. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/12JAC.pdf>. Acesso em 22.03. 2020.

QUADROS JÚNIOR, Antônio C. et al. Caracterização do Xote e o Baião dançados no interior do Estado de São Paulo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 233-247, jul./set. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2347>. Acesso em 22.01.2020.

MATTOS, Mauro G.; ROSSETTO JUNIOR, Adriano J.; BLECHER, RShelly. **Metodologia da pesquisa em educação física**: construindo sua monografia, artigos e projetos. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: phorte, 2008. 223 p.

PERNA, Marco Antonio. **Dança de salão brasileira**, personagens e fatos. Rio de Janeiro: s/ editora, 2005b.

PERNA, Marco Antonio. **Samba de gafieira**: a história da dança de salão brasileira. Rio de Janeiro: s/ editora, 2005b.

RIED, Bettina. **Fundamentos de dança de salão**. Londrina: midiograf, 2003. 205 p.

ROTHER, Edna. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002007000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001)>. Acesso em 14.01.2020.

SALDANHA, Milton. **As 3 vidas de Jaime Arôxa, a luta de um vencedor**. Rio de Janeiro:Senac, 2007.

SALDANHA, Milton. **Maria Antonieta: a dama da gafeira**. Phorte. São Paulo. 2010.

SHIBUKAWA, Rodrigo M. et al. Motivos da prática de dança de salão nas aulas de educação física escolar. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 19-26, jan./mar. 2011. Disponível <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092011000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092011000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 10.03.2020.

SOUZA, Nilza C. P.; CARAMASCHI, Sandro. Contato corporal entre adolescentes através da dança de salão na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17 n. 4, p. 618-629, out./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n4/a06v17n4.pdf>. Acesso em 21.06.2018.

TADRA, Débora S. A. al. **Metodologia do ensino de artes: linguagem da dança**. Curitiba: ibepex, 2009. 146.p.

TREVISAN, Priscila R. T. C.; SCHWARTZ, Gisele M. Percepção subjetiva da criatividade na dança esportiva: perspectiva de árbitros e treinadores experientes. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 26, n. 3, p. 96-113, jul./set. 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/7949>. Acesso em 04.04.2020.

VALLADÃO, Rafael; FIDELIS, Maurício. O xaxado como dança dionisíaca a partir da filosofia Nietzscheana. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p.274-279, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n2/06.pdf>. Acesso em 20.04.2020.

VOLP, Catia M.. A Dança de Salão como um dos conteúdos de dança na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 16 n. 1, p.215-220, jan./mar. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3397/2887>. Acesso em: 20.01.2020.

VOLP, Catia M.; DEUTSCH, Silvia; SCHWARTZ, Gisele M. Por que dançar? Um Estudo comparativo. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p.52-58, jun. 1995. Disponível em:<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/962>. Acesso em 19.01.2020.

VOLP, C. M. **Vivenciando a dança de salão na escola**. 1994. 275f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar) - Psicologia, Departamento de Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

ZANIBONI, Lilian; CARVALHO, Armando G.. Dança de salão: uma possibilidade de linguagem. **Conexões**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 86-102, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v5i1.8637981>. Acesso em: 07.02.2020.

ZANIBONI, L. F., RODRIGUES, J. A. Dança de salão: inclusão social e realização pessoal. **Conexões**, Campinas, v. 11, n. 2, 223-239, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637625/pdf>. Acesso em: 09.02.2020.

Vamos dançar? Danças de salão, educação física e educação...

ZAMONER, Maristela. **Dança de Salão: conceitos e definições fundamentais**. Curitiba: Protexoto, 2013.

ZAMONER, Maristela. Dança de Salão e publicações científicas em periódicos indexados.

**EFDeportes.com: Revista Digital**, Buenos Aires, ano 15, n. 150, p. 1-17, nov. 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd150/danca-de-salao-em-periodicos-indexados.htm>. Acesso em 20 jun. 2020.

ZAMONER, Maristela. Especialização em dança de salão (faculdade metropolitana de Curitiba – FAMEC): análise das apresentações das monografias da primeira turma. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 11, p. 81-98, jul./dez. 2007. Disponível em <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=130>. Acesso em 15 02.2020.